

“THE METAMORPHOSIS”: JHUMPA LAHIRI E SUA ESCRITA EXOFÔNICA

“THE METAMORPHOSIS”: JHUMPA LAHIRI AND HER EXOPHONIC WRITING

Andréa Moraes da Costa¹

Resumo: Este artigo discute sobre a escrita exofônica de Jhumpa Lahiri, escritora nascida na Grã-Bretanha, filha de indianos e naturalizada norte-americana. Lahiri iniciou sua sólida carreira literária escrevendo em língua inglesa e, em 2015, lançou *In Altre Parole*, sua primeira publicação em língua italiana. Trata-se de um conjunto de ensaios apresentando reflexões da autora sobre seu encantamento pelo italiano, seu processo de aquisição desse idioma e seu sentimento de incompletude identitária, haja vista seu convívio entre as culturas bengali e americana. Composto esse conjunto, destaca-se “Lá Metamorfosi”, ensaio que se constitui como mote desta discussão e que será debatido a partir de sua tradução para a língua inglesa, publicada em 2017 sob o título “The Metamorphosis”. Nesse ensaio, a autora apoia-se no poema *Metamorfoses*, de Ovídio, para discutir acerca de sua produção literária em italiano, sua própria metamorfose linguística e literária ou, como compreendido aqui, sua escrita exofônica. Assim, o artigo pretende demonstrar a percepção dessa autora a respeito dessa sua prática. Para isso, as reflexões sobre exofonia apresentadas neste texto são baseadas nos estudos de Chantal Wright (2008, 2013) acerca do tema.

Palavras-Chave: Exofonia; *In Altre Parole*; *In Other Words*; Jhumpa Lahiri; The Metamorphosis.

Abstract: This article discusses the exophonic writing of Jhumpa Lahiri, a writer born in Great Britain, daughter of Indians and naturalized North American. Lahiri began her solid literary career writing in the English language and, in 2015, launched *In Altre Parole*, her first publication in the Italian language. This is a set of essays presenting the author's reflections on her fascination with Italian, her process of acquiring this language and her feeling of identity incompleteness, given her coexistence between Bengali and American cultures. Composing this set, “Lá Metamorfosi” stands out, an essay that constitutes the main point of this discussion and that will be debated based on its translation into English, published in 2017 under the title “The Metamorphosis”. In this essay, the author relies on Ovid's poem *Metamorphoses* to discuss her literary production in Italian, her own linguistic and literary metamorphosis or, as understood here, her exophonic writing. Thus, the article aims to demonstrate this author's perception of her practice. For this, the reflections on exophony presented in this text are based on studies by Chantal Wright (2008, 2013) on the subject.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – IBILCE – Brasil. Professora Associada da Universidade Federal de Rondônia – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7470-2943> E-mail: andrea@unir.br.

Keywords: Exophony; *In Altre Parole; In Other Words*; Jhumpa Lahiri; The Metamorphosis.

1 INTRODUÇÃO

Em *Writing in the “Grey Zone”: Exophonic Literature in Contemporary Germany*, Chantal Wright (2008, p. 26) chama atenção para o número crescente de escritores que estão produzindo em línguas não maternas na Europa. Segundo Wright, “e é de se esperar que a atual onda de migração laboral provocada pela abertura das fronteiras internas da União Europeia aumentará os seus números nas próximas décadas²”.

De fato, a previsão de Wright estava certa. Dados apresentados pelo *The World Migration Report 2022*³, produzido pela *International Organization for Migration*⁴ (2022), revelam o crescente número de migrantes internacionais nas últimas cinco décadas. O relatório nos informa, que em âmbito global, o total estimado de pessoas as quais deixaram seus países de nascimento para viverem em outros países é de 281 milhões de pessoas. O relatório informa ainda que, em 2020, esse número foi contabilizado em 128 milhões a mais do que em 1990, correspondendo, assim, a três vezes mais o número de migrações estimada em 1970 (IOM, 2022).

Fluxos migratórios podem ser associados a diferentes e significativas motivações, como é o caso de conflitos internos das nações, situação vivida pela Síria desde 2011, por exemplo; problemas de ordem ambiental, como os provocados pelo terremoto ocorrido no Haiti em 2010; guerras, como a desencadeada em 2022 na Ucrânia; crises econômicas, a exemplo do que vemos na Venezuela, intensificadas em 2015; apenas para citar algumas.

² “it is to be expected that the current wave of labour migration brought on by the opening of the EU’s internal borders will swell their numbers in the coming decades” (WRIGHT, 2008, p. 26).

³ Relatório Mundial da Migração em 2022.

⁴ Organização Internacional para as Migrações.

Sem se restringir às últimas décadas citadas no relatório da IOF (2022), na esfera literária, movimentos ocorridos com motivações similares às acima descritas têm gerado destacadas produções exofônicas. Essa expressão, derivada da palavra “exofonia”, vem do grego, mais especificamente da junção de ek (fora de) e phon-eh (som ou voz). Assim, exofonia, como descrito na introdução de *Portrait of a Tongue*⁵ (2013, p. 2), por Wright, refere-se ao “fenômeno em que um escritor adota uma linguagem literária diferente da sua língua materna, substituindo ou complementando inteiramente sua língua nativa como veículo de expressão literária”⁶.

A escrita literária forjada à luz desse fenômeno reflete a literatura de quem está em movimento, de quem, independente de suas razões, extrapola as fronteiras geográficas, linguísticas e culturais. Uma vez tendo extrapolado essas fronteiras, o sujeito escritor amplia suas possibilidades, suas perspectivas por meio do idioma adotado como novo recurso artístico. Desse modo, não raras são as vezes que a liberdade inventiva, devido à possibilidade de desprendimento das convenções linguísticas, é apontada como uma das principais vantagens da escrita exofônica por escritores que a adotaram. E como registrou Forster (1970, p. 66), o “uso de uma língua estrangeira oferece uma outra possibilidade: as palavras não estão sobrecarregadas com associações irrelevantes para o poeta, elas são frescas e imaculadas”⁷.

São diversos os nomes na literatura que poderíamos citar para exemplificar a ocorrência desse fenômeno que, devido à sua relevância, vem gradativamente ganhando espaço na academia, estando presente, por exemplo, nas discussões do curso de *Exophony or Writing Beyond the Mother Tongue*⁸, do

⁵ *Retrato de uma língua.*

⁶ Exophony describes the phenomenon where a writer adopts a literary language other than his or her mother tongue, entirely replacing or complementing his or her native language a vehicle of literary expression” (WRIGHT, 2013).

⁷ “The use of a foreign language affords a further possibility: the words are not burdened with irrelevant associations for the poet, they are fresh and pristine” (FORSTER 1970, p. 66).

⁸ *Exofonia ou Escrita Além da Língua Materna.*

Departamento de Inglês e Estudos Literários Comparados da Universidade de Warwick, na Inglaterra, de 2016 a 2017.

Vladimir Nabokov (1899-1977), autor de *Lolita* (1955), é uma das referências mais importantes quando se trata desse assunto. Migrante que se tornou um *white émigré*⁹ devido a questões políticas ocorridas na Rússia, Nabokov, após mudar-se para a Alemanha e viver lá de 1922 a 1937, partiu deste país em mais uma jornada migratória. Dessa vez, o autor foi para os Estados Unidos onde ganhou projeção com sua escrita em língua inglesa, logo tornando-se um escritor exofônico.

Outro nome relacionado à escrita exofônica resultante de um deslocamento ocasionado por problemas políticos é o de Ágota Kristóf (1935-2011). Impelida a deixar seu país motivada por revolução, Kristóf, ao deixar a Hungria, aos vinte e um anos, passou a residir em Neuchâtel, cidade suíça, onde após aprender francês, iniciou sua carreira literária adotando este idioma. Seu processo migratório é refletido em *Hier*¹⁰ (1995), obra em que Kristóf se atem a narrar, na língua de adoção, sobre imigração e os percalços de iniciar uma nova vida em um novo país, em uma nova cultura.

Mas, para além das exemplificações acerca de motivações para a ocorrência de fluxos migratórios impulsionados por um caráter negativo, como as descritas acima, não pode escapar a esta discussão que há também deslocamentos geográficos relacionados à própria vontade do migrante. Eles partem normalmente de um desejo íntimo, seja pela busca de satisfação pessoal ou profissional, que podem ser caracterizadas como motivações positivas, uma vez comparadas às anteriormente ilustradas. Sendo motivados por razões

⁹ Expressão que designa a emigração branca, comumente empregada nos Estados Unidos, Reino Unido e França. O termo se refere aos emigrantes russos que, entre 1917 e 1922, deixaram a Rússia devido à Revolução de 1917 e a guerra civil ocorrida após o período de revolução.

¹⁰ *Ontem*.

personais ou profissionais, movimentos nesse sentido também têm provocado o surgimento de expressões literárias exofônicas.

No que tange ao aspecto profissional, recorreremos a alguns exemplos registrados por Wright em sua discussão acerca da escrita exofônica de Yoko Tawada, escritora nascida no Japão e que publica nas línguas japonesa e alemã. Wright (apud TAWADA, 2013, p. 2) observa que com a “*Wirtschaftswunder* ou milagre econômico” das décadas de 1950 e 1960, a Alemanha recebeu milhares de estrangeiros que se deslocaram para lá à procura de trabalho, surgindo em meio a estes alguns escritores “os quais adotaram o alemão como sua língua oficial de expressão literária”. Dentre eles, Wright (apud TAWADA, 2013, p. 2) cita os nomes de Franco Biondi – italiano –, Carmine Chiellino¹¹ – italiano – e Rafik Schami – sírio-alemão, caracterizando-os como autores exofônicos representantes da primeira geração do pós-guerra.

Em termos de satisfação pessoal, particularmente, damos ênfase aqui a escritora Nilanjana Sudheshna Lahiri, mais conhecida como Jhumpa Lahiri. Instigada por seu desejo pessoal, a escritora migrou para Roma, em 2011, após anos de residência nos Estados Unidos. Essa mudança geográfica e o convívio com a cultura italiana afetaram, é claro, a autora de diferentes modos. Em sua escrita literária, isso pode ser percebido a partir do desafio enfrentado por Lahiri ao viver a experiência da “migração linguística” – desejada pela autora –, publicando *In Altre Parole*¹² (2015) em língua italiana.

Vale lembrar que Lahiri é uma escritora, nascida na Grã-Bretanha, filha de indianos e naturalizada norte-americana, que iniciou sua sólida carreira literária escrevendo em língua inglesa e dando destaque a narrativas elaboradas em torno de temáticas relacionadas à imigração, à identidade, à assimilação cultural e seus desdobramentos.

¹¹ Seus trabalhos são publicados sob o nome de Gino Chiellino.

¹² *Em outras palavras*.

Para Lahiri (2017, p. 29), o desejo de apropriação do italiano era uma fantasia que ela alimentava, um sonho, que uma vez concretizado foi reverberado em sua escrita profissional – a literária –, tornando-a, desse modo, uma escritora exofônica, como Nabokov, Kristóf, Biondi, Chiellino, Schami e tantos outros não elencados aqui.

Considerando isso, interessa-nos as ponderações de Lahiri descritas em *In Altre Parole* (2015), trabalho tecido em italiano, a partir do qual ela dá início a sua literatura exofônica, o que será o ponto central de nossa discussão. É interessante mencionar inicialmente que, revestida desse caráter exofônico, essa obra abrange um apanhado de ensaios nos quais se destacam reflexões da autora sobre seu encantamento pelo italiano, sua aquisição desse idioma, seu sentimento de incompletude identitária, haja vista seu convívio entre culturas – bengali e americana –, dentre outras.

Esses ensaios que compõem *In Altre Parole* foram traduzidos para a língua inglesa, em 2017, por Ann Goldstein, sob o título *In Other Words*¹³, uma vez que Lahiri, apesar de ser uma escritora de língua inglesa, não se propôs a traduzi-lo, pois, segundo a autora, se ela tivesse traduzido esse livro, ela teria sido tentada a melhorá-lo (LAHIRI, 2017, xiii-xiv).

Diante disso, como mote para esta discussão, selecionamos o ensaio “La Metamorfosi” presente em *In Altre Parole* (2015), a partir de sua tradução para o inglês intitulada “The Metamorphosis” (2017), para assim lançarmos nossas reflexões acerca da escrita exofônica de sua autora com embasamento na concepção de Wright sobre a temática em destaque.

¹³ *Em outras palavras.*

2 A ESCRITA EXOFÔNICA DE LAHIRI: A BUSCA PELA METAMORFOSE

Uma bela ninfa na mira de um deus poderoso, de ações e emoções incontroláveis, que a assedia, e um processo de objetivação/transformação como saída, livramento à perseguição sofrida pela jovem. É a esse episódio épico, protagonizado por Daphne e Apollo, que Jhumpa Lahiri se refere inicialmente em seu ensaio “The Metamorphosis”¹⁴(2017). Trata-se de uma referência ao poema *Metamorfoses*¹⁵ (2000), de Ovídio (43B.C–18A.D), escrito por volta de 8 d. C, que traz à luz temas de toda ordem, incluindo amor, arte, estupro, poder em meio a tantos outros desencadeando, assim, um universo em que o poder é revelado como potencialmente capaz de transformar o ser humano. À vista disso, a transformação da humanidade é tratada no poema associada a diferentes razões.

Ao trazer à discussão o poema de Ovídio, Lahiri (2017, p. 163) expõe sua percepção sobre metamorfose apontando para a dualidade existente nesse processo, isto é, para a autora, esse processo envolve tanto violência quanto regeneração, pois a primeira estaria ligada à morte, enquanto a segunda, ao nascimento. Sua reflexão nesse sentido que parte do episódio de metamorfose de Daphne, relatado por Ovídio, é mencionado por Lahiri no seguinte excerto:

Lembro-me vividamente do momento em que a ninfa Daphne se transforma em loureiro. Ela está fugindo de Apollo, o deus apaixonado que a persegue. Ela gostaria de ficar sozinha, casta, dedicada à floresta e à caça, como a virgem Diana. Exausta, a ninfa, incapaz de superar o deus, implora a seu pai, Peneus, uma divindade do rio, que a ajude. Ovídio escreve: ‘Ela acabou de terminar esta oração Quando um peso permeia seus membros, seu peito macio é amarrado em uma casca fina, seu cabelo cresce em folhas, seus braços em galhos; seu pé, um momento antes tão rápido, permanece fixo por raízes lentas, seu rosto desaparece na copa de uma árvore.’ Quando Apollo coloca a mão no tronco desta árvore ‘sente o peito ainda tremendo sob a nova casca’¹⁶ (LAHIRI, 2017, p. 163).

¹⁴ “A metamorfose”.

¹⁵ “Metamorfoses”.

¹⁶ “I remember vividly the moment when the nymph Daphne is transformed into a laurel tree. She is fleeing Apollo, the love-struck god who pursues her. She would like to remain alone, chaste, dedicated to the forest and the hunt, like the virgin Diana. Exhausted, the nymph, unable

Essa descrição da tomada do corpo da personagem pelo loureiro pode ser vislumbrada como o ponto violento da cena. Mas, ao olhar de Lahiri (2017, p. 163), a cena é contornada por beleza também, uma vez que “a cena retrata a fusão de dois elementos, dos dois seres¹⁷”. Dessa fusão, o resultado é um ser híbrido. E como tal, perante a fusão, esse ser passa a ser caracterizado como “algo indefinido, ambíguo” e, desse modo, a ter “identidade dual”, conforme qualificação da autora (LAHIRI, 2017, p.165).

A autora adentra à essa reflexão como um caminho para discutir acerca de sua produção literária em italiano, sua própria metamorfose linguística e literária ou como denominaremos aqui, sua escrita exofônica, seguindo a compreensão de Wright (2013), mencionada em nossa introdução.

A escrita exofônica de Lahiri a coloca em posição similar à da personagem de Ovídio no que diz respeito a condição fugidia. À medida que Daphne foge de Apolo, Lahiri foge, afasta-se do inglês como ela própria descreve no ensaio em questão:

Eu acho que minha escrita em italiano é um voo. Dissecando minha metamorfose linguística, percebo que estou tentando me afastar de algo, me libertar. Eu me transformei, quase renasci. Mas a mudança, essa nova abertura, custa caro; como Daphne, eu também me encontro confinada. Não consigo me movimentar como antes, como estava acostumada a me movimentar em inglês. Agora uma nova língua, o italiano, me cobre como uma espécie de casca. Eu permaneço dentro: renovada, presa, aliviada, desconfortável. Por que estou fugindo? O que está me perseguindo? Quem quer me conter? A resposta mais óbvia é a língua inglesa. Mas acho que não é tanto o inglês em si, mas tudo o que o idioma simbolizou para mim. Praticamente toda a minha vida, o inglês representou uma luta desgastante, um conflito doloroso, uma sensação contínua de

to outstrip the god, begs her father, Peneus, a river divinity, to help her. Ovid writes, ‘She has just ended this prayer When a heaviness pervades her limbs, her tender breast is bound in a thin bark, her hair grows into leaves, her Arms into branches; her foot, a moment before so swift, remains fixed by sluggish roots, her face vanishes into a treetop.’ When Apollo places his hand on the trunk of this tree ‘he feels the breast still trembling under the new bark’” (LAHIRI, 2017, p. 163).

¹⁷ “[...] the beauty of this scene is that it portrays the fusion of two elements, of both beings” (LAHIRI, 2017, p. 163).

fracasso que é a fonte de quase toda a minha ansiedade. Temia que isso significasse uma ruptura entre mim e meus pais. O inglês denota um peso, um aspecto pesado do meu passado. Estou cansada disso¹⁸ (LAHIRI, 2017, p. 165-167).

O voo em direção contrária ao inglês – esse movimento de fuga que encaminha a autora rumo ao italiano – atrelado a um “conflito doloroso”, desencadeado por seu temor a uma possível ruptura familiar, encontra razão de ser se atentarmos para os aspectos identitários que revestem sua vida. Enquanto descendente da cultura bengali, ao longo de sua infância, vivida nos Estados Unidos, Lahiri empenhava-se em dialogar com seus pais em bengali. Era um esforço na tentativa de agradá-los e, sobretudo, para “sentir-se completamente filha deles”, o que, segundo ela, foi impossível, causando-lhe um “sentimento de inadequação”, pois apesar de dominar o inglês, seu desejo de ser considerada americana também não era realizável (LAHIRI (2017, p. 111-113).

Isso nos conduz a reflexões de George Steiner veiculadas em *Extraterritorial: Ensayos sobre Literatura y La Revolución Lingüística* (2002), obra em que o autor debate acerca da revolução da linguagem no campo da Literatura. Para isso, ele analisa algumas obras de Samuel Beckett, Jorge Luis Borges e Vladimir Nabokov, considerando a extraterritorialidade desses escritores. Steiner (2002, p. 10) destaca que os três autores apresentam uma relação de dúvida dialética não apenas em relação à sua língua materna, mas também em relação a várias línguas. Segundo o teórico, isso teria a ver com um

¹⁸ “I think that my writing in Italian is a flight. Dissecting my linguistic metamorphosis, I realize that I’m trying to get Away from something, to free myself. I’ve been transformed, almost reborn. But the chnge, this new opening, is costly; like Daphne, I, too, find myself confined. I can’t move as I did before, the way I was used to moving in English. Now a new language, Italian, covers me like a kind of bark. I remain inside: renewed, trapped, relieved, uncomfortable. Why am I fleeing? Wha this pursuing me? Who wants to restrain me? The most obvious answer is the English language. But I think it’s not so Much English in itself as everything the language has symbolized for me. For practically my whoke life English has represented a consuming struggle, a wrenching conflict, a continuous sense of failure that is the source of almost all my anxiety. It was afraid that it meant a break between me and my parents. English denotes a heavy, burdensome aspect of my past. I’m tired of it” (LAHIRI, 2017, p. 165-166).

problema mais abrangente, pois estaria relacionado à perda de um centro por parte desses escritores (STEINER, 2002, p. 10).

Os três autores, cujas obras foram investigadas por Steiner, tiveram experiências de deslocamento geográfico, fixando-se em países distintos ao de seus nascimentos. Beckett, autor irlandês, instalou-se na França, adotando o francês em busca de escrever “sans style” – sem estilo. Conforme Steiner (2002, p. 19), Beckett era extremamente hábil tanto em sua escrita em inglês quanto em francês. O irlandês passou boa parte de sua vida em Paris, em contato com a cultura francesa. Borges, escritor argentino, residiu na Suíça e Espanha. Como lembra Steiner (2002, p. 19), o escritor tinha um conhecimento profundo de francês, alemão e principalmente de inglês. Sua alfabetização foi bilingue, pois sua avó paterna era inglesa. Por sua vez, o escritor russo, Nabokov, viveu na Alemanha e nos Estados Unidos, como já adiantamos, tendo em seu catálogo literário produções escritas tanto em russo, como em inglês.

Assim, as produções desses escritores são estudadas por Steiner (2002) como resultado do aspecto multilíngue que os cobre – o que provocaria a ausência de um centro linguístico –, sugerindo uma relação entre seus processos imaginativos e suas exposições a novas teorias gramaticais e linguísticas.

No caso de Lahiri, no entanto, associamos a ausência de um centro linguístico e cultural a sua busca pelo novo idioma. É claro, não ignoramos a existência da relação entre a exposição a uma nova cultura, a um novo léxico, e a produção criativa. Acreditamos que o contato de escritores com línguas não-maternas possa ser frutífero, enriquecendo suas obras e oferecendo novas possibilidades, novos horizontes ao leitor. Embora essa ideia seja incorporada à nossa percepção quanto à produção de Lahiri, há algo mais a destacar.

Presumimos que Lahiri se apropriou da língua italiana, a qual está materializada em *In Altre Parole* por meio de sua escrita exofônica, motivada

pelo seu viver entre a cultura bengali e a americana. Seu desejo por tal apropriação pode ser considerado, então, como um modo de encontrar um centro, como um meio de sentir-se completa. Reside aí a ânsia “pelo pertencimento a algum lugar, a alguma cultura, em suma, por uma identidade que lhe dê o conforto de não se sentir dividida” (COSTA, 2021, p. 58).

Além disso, como atestado por Lahiri (2017, p. 167), ao escrever em italiano, ela acredita estar escapando – reiterando aqui sua relação com a ninfa de Ovídio – dos fracassos do passado em relação ao inglês, assim como ao seu sucesso enquanto escritora, o qual ela não se considera merecedora. A fuga, desse modo, resulta-lhe em nova chance.

Ao distanciar-se do inglês, assumindo um novo idioma em seus trabalhos, Lahiri lança-se a um projeto de auto recriação, que lhe isenta da obrigação de sustentar o sucesso até então alcançado, e, como ela destaca, podendo assim desconstruir-se e reconstruir-se como escritora (LAHIRI, 2017, p. 167). Fica latente que para a autora a possibilidade de mudar é atrativa, é um propósito acompanhado não somente de motivações linguísticas e literárias, mas também culturais, a ponto de Lahiri imergir na cultura italiana, com sua mudança temporária para Roma.

A aspiração à mudança não encontra correspondência em seu âmbito familiar, o que poderíamos acrescentar aos impasses familiares relacionados aos dilemas culturais vividos pela escritora. No relato a seguir, podemos conferir a rejeição a mudanças por parte da mãe da autora:

Sou filha de uma mãe que nunca mudaria. Nos Estados Unidos, ela continuou, na medida do possível, a se vestir, se comportar, comer, pensar, viver como se nunca tivesse saído da Índia, Calcutá. A recusa em modificar seu aspecto, seus hábitos, suas atitudes era sua estratégia para resistir à cultura americana, para combatê-la, para manter sua identidade. Tornar-se ou mesmo assemelhar-se a um americano significaria uma derrota total. Quando minha mãe volta para Calcutá, ela se orgulha do fato de que, apesar de quase cinquenta anos longe da Índia, ela parece uma mulher que nunca partiu. Eu sou o oposto. Enquanto a recusa em mudar foi a rebeldia

de minha mãe, a insistência em me transformar é a minha¹⁹ (LAHIRI, 2017, p. 169).

De certo modo, essas duas atitudes – uma a favor e outra contrária a mudanças –, antagônicas à primeira vista, podem ser compreendidas de maneira diferente ao que foi mencionado por Lahiri. Talvez, não haja a referida oposição nas condutas de ambas, mãe e filha, pois o que percebemos é que tanto a autora quanto sua mãe estão a enfrentar conflitos que repercutem em suas identidades culturais. Enquanto Lahiri busca a aproximação de outra cultura para tentar encontrar-se em termos de identidade – incluindo em suas ações a adoção da escrita exofônica –, sua mãe, por vezes, em busca de preservar sua identidade cultural, renega a cultura americana por meio daquilo que simbolicamente a ligaria a esta cultura.

Não esqueçamos que para se aproximar, para imergir no italiano, não é apenas a língua inglesa que Lahiri tenta abdicar, deixar para traz. Nesse empreendimento está também em jogo o bengali, que mais uma vez, de modo visível, não ganha destaque na cena, no processo de metamorfose linguística da autora. Portanto, adotar o italiano é afastar-se de “casa” duplamente, é distanciar-se do que a conecta com suas origens.

Nesse contexto, vale lembrar o caso da romancista estadunidense de origem haitiana, Edwidge Danticat que, assim como Lahiri, configura na lista de escritoras contemporâneas que empregam a exofonia em suas escritas e que também se afastou de sua língua mãe e da língua adquirida na escola. Nascida

¹⁹ “I am the daughter of a mother who would never change. In the United States, she continued, as far as possible, to dress, behave, eat, think, live as if she had never left India, Calcutta. The refusal to modify her aspect, her habits, her attitudes was her strategy for resisting American culture, for fighting it, for maintaining her identity. Becoming or even resembling an American would have meant total defeat. When my mother returns to Calcutta, she is proud of the fact that, in spite of almost fifty years away from India, she seems like a woman who never left. I am the opposite. While the refusal to change was my mother’s rebellion, the insistence on transforming myself is mine” (LAHIRI, 2017, p. 169).

na capital do Haiti, em Porto Príncipe, e criada em meio ao crioulo haitiano em seu núcleo familiar, Danticat teve na infância seu ensino formal a partir do francês. De modo semelhante a Lahiri, a romancista conviveu entre línguas e foi aos doze anos que Danticat experimentou seu primeiro contato com o inglês, depois de mudar-se para os Estados Unidos.

Questionada sobre um possível desconforto com relação ao inglês não ser sua língua nativa, Danticat menciona:

Quando criança no Haiti, eu lia autores como Victor Hugo, que não falavam crioulo, então nunca pensei que alguém não pudesse escrever em um idioma que não fosse o seu. Sempre julgava que os livros seriam traduzidos ou você aprenderia a língua do escritor para lê-los. Era o pensamento de uma criança, mas foi libertador para mim. Então eu nunca senti que não poderia escrever na língua de outra pessoa, ou que eles não poderiam escrever na minha se quisessem. Minha relação com a língua era assim: quando eu estava no Haiti eu falava crioulo em casa, e na escola eu estudava e falava francês. Naquela época ninguém, ou muito poucas pessoas, escrevia em crioulo. Ainda não havia ortografia padrão e regras gramaticais com as quais todos concordassem. Agora no Haiti e aqui em Miami há sinais em crioulo, mas eles não existiam naquela época. Então escrevi em uma língua que eu não falava regularmente e falava uma língua que eu não sabia escrever. Quando cheguei aqui e aprendi inglês, foi a primeira vez que consegui escrever e falar a mesma língua²⁰ (DANTICAT, 2003, p. 189).

Na resposta da autora fica evidenciado um dos pontos em comum existente entre Danticat e Lahiri. Trata-se da experiência linguística que ambas as escritoras trazem consigo, ou seja, a vivência entre línguas. Enquanto

²⁰ “As a child in Haiti, I read authors like Victor Hugo who didn’t speak Creole, so I never thought one wasn’t allowed to write in a language that was not one’s own. I Always knew that books would either be translated or you would learn the language of the writer to read them. It was a child’s thinking, but it was liberating to me. So I never felt couldn’t write in someone else’s language, or that They couldn’t write in mine if they wanted to. My relation to language was like this: When I was in Haiti I spoke Creole at home, and in school I studied and spoke in French. At that time no one, or very few people, wrote in Creole. There were not yet standard spellings and grammatical rules that everyone agreed on. Now in Haiti and here in Miami there are signs in Creole, but They didn’t exist then. So I wrote in a language I didn’t speak regularly and spoke a language I couldn’t write. When I came here and learned English, it was the first time I could write and speak the same language²⁰” (DANTICAT, 2003, p. 189).

Danticat apoiava-se na língua crioula em seu convívio familiar e na língua francesa quando estava na escola, Lahiri, como descrevemos antes, no afã de agradar seus pais, projetava sua comunicação em bengali, sendo que, no convívio escolar, ela precisava recorrer à língua inglesa. Sua comunicação em bengali, como ela descreve, é sem autoridade, por isso a escritora sempre percebeu uma disjunção entre sua língua materna e ela, considerando-a, paradoxalmente, como uma língua estrangeira (LAHIRI, 2017, p. 28).

Mediante essa espécie de “instabilidade linguística”, percebemos que o encontro de Danticat com outra língua, a de adoção, parece ter lhe oportunizado a realização linguística, não conseguida, até então, dentro do seu próprio país em convívio com sua cultura de origem. Anterior ao seu encontro com o inglês, Danticat não tinha apropriação suficiente do francês e do crioulo para expressar-se criativamente. Portanto, ao conseguir escrever e falar a mesma língua, o inglês, algo que não havia sido possível antes de sua migração, a escritora teve diante de si os recursos necessários para explorar e divulgar seu ser criativo por meio da literatura.

Para Lahiri (2017, p. 166), o inglês sempre simbolizou um peso, um conflito, porque ele “representava uma cultura que tinha que ser dominada, interpretada²¹”, e ela temia que isso significasse uma ruptura entre ela e seus pais. Considerando, por exemplo, a rejeição à cultura americana por parte de sua mãe, não é difícil de compreender o conflito vivido por Lahiri e o quanto significa para ela expressar-se literariamente em italiano.

Sua aproximação com esse idioma trouxe-lhe não somente o desafio da transformação linguística, por meio da exofonia, mas a possibilidade de criar em um espaço distanciado de sua origem familiar e da cultura americana. Enfim, a exofonia oportunizou a Lahiri o desenvolvimento de suas habilidades criativas em um entrelugar. Então, fugindo, assim como Daphne, para encontrar a

²¹ “It has represented a culture that had to be mastered, interpreted” (LAHIRI, 2017, p. 166).

liberdade, a autora encontrou força literária, pois, conforme sua afirmação, tudo que ela escreve em italiano “nasce com potencial simultâneo²²” (LAHIRI, 2021).

A razão para a potencialidade literária admitida pela autora pode ser extraída de sua menção à metáfora da lagarta e da borboleta, constante no ensaio em questão. Aproximando-se do final de “The Metamorphosis”, Lahiri menciona que:

No mundo animal a metamorfose é esperada, natural. Significa uma passagem biológica, incluindo várias fases específicas que levam, em última análise, ao desenvolvimento completo. Quando uma lagarta se transforma em borboleta, não é mais uma lagarta, mas uma borboleta. O efeito da metamorfose é radical, permanente. A criatura perdeu sua forma antiga e ganhou uma nova, quase irreconhecível. Tem novas características físicas, uma nova beleza, novas capacidades. Uma metamorfose total não é possível no meu caso. Posso escrever em italiano, mas não posso me tornar uma escritora italiana. Apesar de estar escrevendo esta frase em italiano, a parte de mim condicionada a escrever em inglês persiste. Penso em Fernando Pessoa, um escritor que inventou quatro versões de si mesmo: quatro escritores separados, distintos, graças aos quais conseguiu ultrapassar os limites de si mesmo. Talvez o que estou fazendo, por meio do italiano, se pareça com a tática dele. Não é possível se tornar outro escritor, mas pode ser possível se tornar dois²³ (LAHIRI, 2017, p. 171, 173).

Seguindo o sugerido por Lahiri nessa metáfora, podemos inferir que, como a lagarta, ela também passou por uma mutação radical, envolvendo sua dinâmica criativa, a qual lhe revestiu de novas possibilidades no campo de sua arte. Entretanto, acreditamos que sua “antiga forma” – Lahiri, escritora de

²² “Everything I write in Italian is born with the simultaneous potential” (LAHIRI, 2021).

²³ “In the animal world metamorphosis is expected, natural. It means a biological passage, including various specific phases that lead, ultimately, to complete development. When a caterpillar is transformed into a butterfly it’s no longer a caterpillar but a butterfly. The effect of the metamorphosis is radical, permanent. The creature has lost its old form and gained a new, almost unrecognizable one. It has new physical features, a new beauty, new capacities. A total metamorphosis isn’t possible in my case. I can write in Italian, but I can’t become an Italian writer. Despite the fact that I’m writing this sentence in Italian, the part of me conditioned to write in English endures. I think of Fernando Pessoa, a writer who invented four versions of himself: four separate, distinct writers, thanks to which he was able to go beyond the confines of himself. Maybe what I’m doing, by means of Italian, resembles his tactic. It’s not possible to become another writer, but it might be possible to become two” (LAHIRI, 2017, p. 171, 173).

expressão em língua inglesa – não tenha desaparecido durante ou após seu processo de aquisição da língua italiana e de sua criação literária nessa língua. Ela continua lá, mesclada à nova forma, contornada pelas asas da borboleta/a nova forma, tal como Daphne foi contornada pelo loureiro.

Logo, é o ser híbrido, referenciado no início desta discussão, que surge a partir da relação da autora com a cultura e a língua italiana, potencializando, dando fôlego à sua arte a partir de sua escrita exofônica, incorporando o italiano ao seu leque linguístico e literário já que, como a própria autora compreende, não é possível que ela se torne outra escritora, mas sim duas.

REFERÊNCIAS

AHMED, Mohamed A.H. *Arabic in Modern Hebrew Texts: The Stylistics of Exophonic Writing*. Edinburgh: University Press, 2019.

COSTA, Andréa Moraes da. Migração e tradução em *In Other Words* de Jhumpa Lahiri: escrevendo em uma língua emprestada. In: *Tradução em diálogo, deslocamentos, fronteiras e poéticas plurais*. Leonardo Antunes, Bruno Palavro (Or.). Porto Alegre: Class, 2021. p. 50-68. Disponível em: <https://abralic.org.br/downloads/publicacoes/2020-2021/ABRALIC-eixo-2-volume-1-traducao-em-dialogo.pdf>. Acesso em: 16 de set. 2022.

DANTICAT, Edwidge. “An Interview with Edwidge Danticat.” [Entrevista concedida a] Bonnie Lyons. *Contemporary Literature*, vol. 44, no. 2, 2003, p. 183–198. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/1209094>. Acesso em: 29 Oct. 2022.

FORSTER, Leonard. *The poet's tongues: Multilingualism in literature*. New Zealand: University of Otago Press, 1970.

KRISTÓF, Ágota. *Hier*. France: Points, 1995.

LAHIRI, Jhumpa. *In Altre Parole*. Milano: Editora Guanda, 2015.

LAHIRI, Jhumpa. La Metamorfose. In: LAHIRI, Jhumpa. *In Altre Parole*. Milano: Editora Guanda, 2015. p. 160-172.

LAHIRI, Jhumpa. *In Other Words*. Trad. Ann Goldstein. New York: Vintage Books, 2017 (Edição bilíngue).

LAHIRI, Jhumpa. The Metamorphosis. In: In: LAHIRI, Jhumpa. *In The Other Words*. Trad. Ann Goldstein. New York: Vintage Books, 2017 (Edição bilíngue). p. 161-173.

LAHIRI, Jhumpa. Where I find myself: on Selftranslation. *Words Without Borders*, 27 abr. 2021. Disponível em: <https://www.wordswithoutborders.org/article/april-2021-where-i-find-myself-on-self-translationjhumpa-lahiri>. Acesso em: 25 out. 2022.

NABOKOV, Vladimir. *Lolita*. Trad. de Jorio Dauster. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Trad. de Manuel de Maria Barbosa du Bocage. São Paulo: Editora Hedra, 2000.

STEINER, George. *Extraterritorial: Ensayos sobre Literatura y La Revolución Lingüística*. Trad. Edgardo Russo. Buenos Aires: Ediciones Siruela, 2002.

WRIGHT, Chantal. *Writing in the “Grey Zone”: Exophonic Literature in Contemporary Germany.* German as a Foreign Language, New Brunswick, 2008, 3: 26-42.

WRIGHT, Chantal. Yoko Tawada’s exophonic texts. In: TAWADA. *Portrait of Tongue*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2013. p. 1-21.

International Organization for Migration. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022>. Acesso em 10 set. 2022.

Recebido em 15/11/2022.

Aceito em 15/02/2023.